

## ***Notas sobre uma aproximação: Jorge Luís Borges e Bertolt Brecht\****

Gerson Luiz Roani<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio tem por objetivo aproximar dois escritores, muito diferentes, no que tange a suas obras ficcionais: o argentino, Jorge Luís Borges e o alemão Bertolt Brecht. Apesar das diferentes concepções artísticas, ideológicas e sociais, Borges e Brecht compartilham de uma concepção da Literatura como linguagem que expressa a natureza enigmática da verdade individual e social. Para os dois artistas, a Literatura é um mistério superior da cultura humana. Por causa disso, insistem na dimensão criativa da linguagem, cujo produto exemplar é o texto literário.

**Palavras-chave:** Jorge Luís Borges, Bertolt Brecht, criação literária, literatura argentina, literatura alemã.

**Abstract:** This essay has the objective of bring together two very different writers by referring to their fiction works: Jorge Luis Borges, Argentine, and Bertolt Brecht, German. Despite of different social, ideological and artistic conceptions, Borges and Brecht share a view of literature as being a language that expresses the enigmatic nature of the human culture. Because of that, they insist on the creative dimension of the language, whose final model is the literary text.

**Key-words:** Jorge Luís Borges, Bertolt Brecht, literary creation, Argentine literature, German literature.

\*O presente ensaio originou-se de um curso livre, *Literatura Comparada: Borges e Brecht*, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em janeiro de 1999 e ministrado pelo Prof. Dr. Helmut Galle, catedrático de Língua e Literatura alemãs da Universidade de Buenos Aires. Neste estudo, procuro entrelaçar os conteúdos auridos no curso com outras reflexões teóricas sobre Jorge Luis Borges e Bertolt Brecht.

<sup>1</sup> Professor de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa na URI, *Campus* de Frederico Westphalen, doutorando em Literatura Comparada pela UFRGS, bolsista da CAPES na Biblioteca Nacional de Lisboa.

”Ampla repercussão têm as palavras!”

Jorge Luís Borges,  
*El Arte Narrativo y la Magia*

“Pensa na escuridão e no grande frio Que reinam nesse vale, onde soam lamentos”.

Bertolt Brecht,  
*Opera dos três vinténs*

Na esfera da percepção pública, Borges pode ser considerado um burguês, um patricio, um escritor que demonstra uma posição aristocrática. Trata-se de uma pessoa altamente intelectualizada, cerebral, visionária, assumindo em seus poemas e contos, os perfis de poetas que remontam a Homero. No terreno da Filosofia, as leituras borgeanas revelam afinidades eletivas com as tendências idealistas, personificadas nos sistemas filosóficos criados por Platão, Berkley e Schopenhauer. No âmbito político, Borges pode ser considerado um nacionalista liberal. No que tange ao fenômeno religioso, cumpre mencionar que o escritor argentino incursionou pelos universos místicos de várias religiões e, particularmente, pelas seitas e correntes religiosas marginais como a cabala judaica. Quanto aos gêneros e procedimentos poéticos borgeanos, o escritor procurou criar a ilusão de que os mundos irreais são realidade. Os objetivos de Borges se inscrevem dentro de um conceptualismo que lembra a teoria platônica do mundo das idéias. O universo temático borgeano é amplo, pois o autor (re)criou, em seus inúmeros textos, idéias, as categorias de espaço e de tempo, a lógica, a historicidade, a luta intelectual. Com base nesses dados preliminares, se fossemos atribuir a Borges a vinculação a uma determinada postura filosófica lhe conviria, sem sombra de dúvida, o pensamento de cunho platônico.

Borges se considerava um argentino extraviado na metafísica, mas profundamente cético quanto à possibilidade de entender o universo, os sistemas filosóficos e teológicos. Tais sistemas, segundo o autor, estavam longe de possuir um caráter de verdade absoluta e necessária, configurando-se como meras criações artísticas, Literatura. Nessa perspectiva, as invenções da Filosofia não seriam menos fantásticas que as da Arte. Por isso, mereceram figurar nos seus textos fantásticos, os nomes e as obras de Parmênides, Platão, Spinoza, Hume e Kant. Hipóteses e problemas filosóficos são temas centrais de numerosas narrativas e poemas de Borges.

Incapaz de indagar e compreender a realidade, a Metafísica cumpre sua tarefa na Literatura, revolvendo e perscrutando enigmas não mais irreais que a realidade do mundo das aparências.

Em vista do caráter alucinatório deste mundo, não se pode fazer outra coisa, senão buscar “irrealidades” que o representem. Não se trata de dar-lhe uma racionalidade que não possui, mas registrar a ilogicidade de uma criação defeituosa e caótica, da qual só a fantasia pode tentar um deciframento, desde logo ilógico e absurdo.

Assim, por exemplo, a periodicidade interna que rege a “Biblioteca de Babel”, conto recolhido e publicado em “Ficções”<sup>2</sup>, e que constitui sua lei fundamental, comporta a afirmação

<sup>2</sup> BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. Porto Alegre: Globo, 1970, p. 61-70.

de paradoxos racionalmente inaceitáveis, mas também, necessariamente, coerentes e conseqüentes. Obra de um deus, ordenada em uma estrutura labiríntica e repetitiva, portanto, infinita e impenetrável, a biblioteca reproduz, metaforicamente, os atributos de um universo e de uma realidade, provavelmente, obra de uma divindade subalterna ou incapaz, reflexo marginal de episódios celestes, fato casual que não pode contemplar nem a ordem, nem a harmonia. Qualquer tentativa de conhecê-lo está destinada a fracassar.

Só é possível inventar um planeta como *Tlôn*, labirinto ordenado para ser decifrado, porém hipotético e literário, destinado a formar parte de uma bibliote-ca-labirinto. Em *Jardim de Caminhos que se bifurcam*<sup>3</sup>, todos estes conceitos estão reunidos no livro de Tsui Pên que, construído sobre um esquema temporal que prevê não um tempo absoluto, mas sim uma série infinita de tempos, torna-se caótico, labiríntico e infinito e, portanto, imagem incompleta, porém não falsa do universo.

De filiação gnóstica, esta visão encontra seu centro no conceito de infinito como elemento corruptor da realidade. Extraviadas em um universo incompreensível, as personagens borgeanas vagam em espaços desmesurados ou infinitamente subdivididos por inquietantes jogos de espelho ou aprisionadoras estruturas labirínticas.

Entre os motivos mais insistentes e recorrentes da produção borgeana, o tempo aparece em seus poemas (desde *Fervor de Buenos Aires*, de 1923, até *Elogio de la sombra* de 1969 e *La moneda de hierro* de 1976), em muitos de seus ensaios e, obviamente, em numerosos contos, nos quais é citado incidentalmente como problema e como substância da trama do relato.

Acerca disso, *Exame da Obra de Herbert Quain*<sup>4</sup>, desenvolve a hipótese de um tempo regressivo e invertido, *Tlôn* formula o conceito de um passado fictício e ilusório. Em *O Aleph*<sup>5</sup>, encontra-se a idéia de um passado substância do tempo.

Porém, o tempo cíclico foi a concepção que mais interessou a Borges pelas possibilidades narrativas e especulativas que abarcava. A hipótese de um tempo repetido conduz à dissolução da estrutura temporal e comporta a negação da identidade pessoal. A personagem borgeana está constantemente presa em uma rede de tempos paralelos ou entrelaçados que lhe possibilita viver todos os destinos, ser todos os homens, ele mesmo e seu contrário, herói e vilão, criatura e criador, ortodoxo e herege. E a idéia obsessiva da nulidade da personagem, desenvolvida por Borges em direção a uma concepção panteísta, que reduz a individualidade a uma identidade geral que contém a todas.

O universo inteiro está contido em uma letra (*O Aleph*), ou em uma moeda (*O Zahir*), ou cifrado na pele de um tigre. Trata-se da idéia do mundo como uma escritura na qual os homens são as letras e os signos, ou a idéia do mundo como cópia e reflexo de uma realidade superior, ou ainda como sonho de um sonhador que, por sua vez, faz parte de um outro sonho (*As ruínas circulares*).

<sup>4</sup>Idem, *Ibidem*, p. 55-61.

<sup>5</sup>BORGES, Jorge Luís. *O Aleph*. Porto Alegre: Globo, 1979.

<sup>3</sup>Idem, *Ibidem*, p. 71-87.

Esses elementos caracterizam, em Borges, suas reflexões sobre a criação literária. Já, na apresentação do seu primeiro livro de poemas, Borges advertia o leitor:

“Si las páginas de este libro consienten algún verso feliz, perdóneme el lector la descortesía de haberlo usurpado yo, previamente. Nuestras nadas poco difieren; es trivial y fortuita la circunstancia de que seas tu el lector de estos ejercicios, y yo su redactor”.<sup>6</sup>

Em um ensaio de *Otras Inquisiciones*, Borges expressa, na esteira do pensamento de Paul Valéry, a idéia de que uma só pessoa redigiu a totalidade dos livros existentes e que todos os autores são um único autor. Esboço do autor total é *Herbert Quain*, escritor de um livro de contos, cada um dos quais prefigura argumentos destinados a serem utilizados por outros autores, os quais terão a ilusão de os ter inventado. *Pierre Menard* insiste neste conceito desde o ponto de vista da leitura: ler

Bertolt Brecht revela-se, por sua vez, o oposto de Jorge Luís Borges. Os textos brechtianos apontam para um escritor solidário com a sofrida massa proletária. A postura filosófica de Brecht se opõe ao idealismo borgeano, pois o dramaturgo e poeta alemão constrói sua obra literária sobre categorias políticas, fundamentando a sua cosmovisão nas teorias socialistas cunhadas por Karl Marx e Engels.

Brecht estava vinculado à Vanguarda alemã, mais especificamente a uma época literária chamada “Objetividade Nova” ou Neo-realista. A perspectiva Neo-realista de realizar, através das obras literárias, um pacto com a veracidade social levou o artista germânico a trilhar os caminhos de

equivaler a escrever ( ou reescrever) e o autor de um livro e seus leitores ou um livro são os infinitos livros escritos por quem o lê.

A atividade da leitura é uma atividade que parece orgulhar mais ao escritor do que a escritura. Isso transparece em um dos poemas de *Elogio da Sombra* (“Um leitor”):

“Que outros se jactem das páginas que escreveram; a mim me orgulham as que tenho lido/ porque a tarefa que empreendo é ilimitada/ e há de acompanhar-me até o fim,/ não menos misteriosa que o universo/ e que eu, o aprendiz”.<sup>7</sup>

A escritura borgeana é sempre uma atividade mediada pela leitura: os textos borgeanos são mais que reflexo da realidade, reflexo da Literatura, de textos de outros autores e Borges, um dos tantos hete-rônimos desse único homem que foi o autor de todos os livros.

um realismo socialista. Com isso, Brecht procurou revelar a ação social, instigando o leitor a engajar-se ativamente no processo de luta e reorganização da sociedade em que vivia. Dessa forma, é previsível que os temas prediletos do universo brechtiano sejam de cunho panfletário, tais como: o envolvimento dos homens com a História, com os processos revolucionários e com a luta nas ruas. Filosoficamente, o realismo brechtiano aproxima-se do pensamento de Aristóteles.

<sup>6</sup>BORGES, Jorge Luís. Fervor de Buenos Aires.

<sup>7</sup>Idem. Elogio da sombra. São Paulo: Globo, 1993, p. 65.

Desde os anos subseqüentes à Primeira Guerra Mundial, marcados pelo Expressionismo, pela teorização sistemática do teatro épico como crítica à ideologia burguesa da arte e como uma máquina a serviço da consciência de classe, toda a obra de Brecht deve ser lida em seu esforço de atingir a coerência, em meio à multiplicidade de contradições e de fracassos sociais.

A linguagem desta obra, tão lúcida e, polemicamente, ligada aos problemas da sua época, ilumina as dificuldades de existência da atividade artística e da criação literária nas condições insidiosas e trágicas da sociedade de classes contemporânea: entre a democracia capitalista, o estalinismo e o fascismo.

A dialética foi uma das grandes paixões de Brecht. Assim, se pode considerar o autor um original pensador dialético, certamente não inferior, e talvez muito superior aos verdadeiros filósofos do marxismo. Na dialética se baseava o seu programa de refundação política e científica da prática artística. Prestar atenção distanciada ao modo de ser humano foi a regra áurea seguida por Brecht. Processo, materialidade, conflito, poder e possessão, inversão e mudança, união de opostos, relação entre quantidade e qualidade, presença da mediação no aparentemente imediato: a dialética é onipresente nas obras teatrais de Brecht, em seus poemas, em suas histórias e parábolas. Se a verdade é concreta, a linguagem deve, mais que adequar-se a ela, ser parte intrínseca dela. Dizer a verdade, mais que uma opção, é uma arte. Alcançá-la significa fazê-la surgir com um complicado trabalho de demolição e des-montagem. Criação e conhecimento deixam de contrapor-se e contradizer-se. A dialética é a ciência do real e estilo de representação. Até o prazer estético está vinculado à dialética. E ela que o faz emergir quebrando as convenções do já sabido e de

uma falsa naturalidade. A dialética produz conhecimento e alegria.

Para Brecht, os deveres artísticos e os deveres políticos do escritor deviam necessariamente coincidir. O método para criticar publicamente a ideologia burguesa da arte e o método para dizer a verdade e desmascarar as mentiras são apresentados como um único método. Brecht sempre atribuiu importância decisiva a uma política do conhecimento, a arte de produzir verdade. As personagens de seus dramas personificam uma vitalidade desenfreada, totalmente carente de escrúpulos, porém auto-destrutiva.

O Brecht apaixonado pela dialética marxista foi precedido e antecipado pelo Brecht frio e sarcástico, observador arguto do modo como a força e a debilidade humanas se superam uma na outra. Eram os anos em que a poética da “Nova Objetividade” (Neo-realismo) se consolidava na Alemanha, substituindo o Expressionismo das primeiras décadas do século XX.

Com *A Opera de três vinténs* se abre o período da maturidade. E estão chegando a sua maturação definitiva diante dos seus olhos de escritor os processos econômicos-sociais do capitalismo monopolista, os quais liquidam o individualismo empresarial do burguês clássico. É o fim do liberalismo que já havia sido anunciado durante a Grande Guerra. Depois da crise de 1929, o capitalismo se planifica. Brecht se dá conta disso. Em suas obras, sejam elas dramas ou poemas, a abstrata e ordenada racionalidade social domina sobre o anarquismo cínico e rebelde dos indivíduos. Será em relação com ela que as personagens de Brecht elaborarão uma arte de viver astutamente aperfeiçoada: movimentar-se entre as regras dialéticas da realidade para explorá-las em benefício

próprio e para não serem esmagadas por elas. Também a ação revolucionária deveria achar seu fundamento.

Politicamente, a alternativa proposta pelos anos trinta se situa entre o fascismo e o estalinismo. Esse endurecimento objetivo não induz Brecht a adotar posições humanistas, pois não consegue ver nelas uma saída real.

O programa brechtiano, em sua ambição e motivação histórica (politização da arte contra estetização da política), está também na raiz de suas contradições. A solução da relação entre Arte e Política, tal como se prevê na teoria do teatro épico, é pouco mais que um atalho brilhante. Se Brecht não naufragou completamente nas águas de seu próprio programa foi graças à honestidade superior do artista que atuava nele, a seu inato gosto por fazer teatro. A eficácia de sua teorização se demonstra, operativamente, no fato de que lhe permitiu perseguir com a máxima sistematicidade seu objetivo de demolição da vanguarda expressionista, da crítica do apriorismo estético, do abandono do realismo substancialmente modelista e retrospectivo proposto por Georg Lukács. Atitude didática e procedimento dialético, com retardamentos e separações críticas, deviam permitir demonstrar as totalidades estéticas em presença, por assim dizer, de seu destinatário. E, às vezes, através de sua mesma participação.

O artista, segundo Brecht, deve mostrar o uso que faz de seus meios expressivos e de seu mesmo público. Arte e realidade deviam estabelecer uma relação produtivamente interativa. O teatro épico se propõe mostrar ao espectador a realidade, insistindo na própria relação de distância e de separação dela.

Mais além das idolatrias e das críticas demolidoras, Brecht é um autor difícil de digerir. Seu realismo, sua obra, sua mentalidade, seu método, não são fáceis de determinar. Brecht constitui, no século XX, o caso de um escritor singularmente empenhado em desmontar de forma perseverante e metódicamente concreta, a imagem pré-fabricada da Literatura e daqueles que a escrevem. Desconfia dos surrealistas e de Kafka, polemiza com Lukács, reserva suas frases mais ácidas para Adorno e Horkheimer. Sua atitude polêmica, o seu engajamento e a sua ambigüidade se refletem em uma obra complexa e inesgotável, na qual a busca da claridade é o louvor da dúvida e da potência criadora da Literatura.

A concepção da Literatura como linguagem que expressa a natureza hermética da verdade individual e social é tão fundamental em Borges, quanto em Brecht. A Literatura, como possibilidade pessoal e como prática artística é, para ambos escritores, um dos mistérios superiores da cultura humana. Esta visão sacralizada da palavra escrita que, em Brecht, se manifesta através da exaltação dos processos de transformação social e, em Borges, mediante a veneração pelo labirinto, pelos textos literários e pelas bibliotecas imaginárias, fundamenta-se na convicção de que, através da Literatura, se foge da contingência e do acaso.

A criação literária é a expressão de um equilíbrio que transcende a precariedade imposta ao homem pela finitude. Pertence à dimensão ético-estética a necessidade de Borges e Brecht de confundir, muitas vezes, ficção e realidade, o verdadeiro com o verossímil, eliminando os rígidos limites que o racionalismo pretendeu fixar entre uma e outra. Ambos artistas colocaram em cena o juízo acerca da realidade, sugerindo que se o autor de uma obra pode ser uma sombra, os seus leitores, po-

dem ser também simulacros em um universo de acasos.

O leitor é conduzido a um domínio em que a Literatura reescreve seu destino, aprofunda seu esgotamento e caminhos estéticos para atingir uma expressão inteiramente nova. Para os dois autores, a Literatura é a compulsão humana de criar uma realidade outra e uma humanidade nova frente à desarmonia e ao caos. A Literatura torna-se o exercício de ultrapassagem da angustiante realidade, pois a chegada ao texto novo pressupõe a existência de um abismo.

Ambos os autores insistem na dimensão lúdica e criativa da linguagem, questionam suas potências e limitações, para dizer da busca incessante do verbo, da palavra criadora que, mesmo tão despojada e pobre cria em plenitude uma humanidade nova, simplesmente, pela força e luz da ficção.

Os textos borgeanos e brechtianos personificam um terreno, onde a dúvida acerca da possibilidade de representação do real torna a sedução da linguagem mais poderosa, mostrando, na esteira da lição benjaminiana, que é necessário saber reverter *as ruínas e juntar os fragmentos*<sup>8</sup> em benefício de sua própria superação.

### Referências bibliográficas

ALZARAKI, Jaime. *La prosa narrativa de Jorge Luis Borges*. Madri: Gredos, 1983.

BENJAMIN, Walter. Que é o teatro épico?

<sup>8</sup>BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 226.

Um estudo sobre Brecht. In:\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 78-91.

BERARDINELLI, Alfonso. Bertolt Brecht. In: *La Cultura dei 900 - Letteratura*. México: Siglo Veintiuno, 1984, p. 179 - 197.

BORGES, Jorge Luís.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental - Autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1988.

MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges: uma poética da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.